

Caderno  
**Arte de Educar**



**CARTOGRAFIA DE PRÁTICAS CULTURAIS AFRICANAS**  
Mangueira – Rio de Janeiro, 2014

**REALIZAÇÃO**  
**Casa da Arte de Educar da Mangueira**  
Rua Ana Neri, 155. Rio de Janeiro (RJ) Tel. (21) 3860-3212

**Escritório**  
Rua da Glória, 366 / sala 602. Rio de Janeiro (RJ)  
CEP 20241-180 Tel. (21) 2533-1920  
www.artedeeducar.org.br  
contato@artedeeducar.org.br

**CADERNO ARTE DE EDUCAR**  
Cartografia de Práticas Culturais Africanas  
Mangueira – Rio de Janeiro, 2014

**Coordenação**

Lolla Azevedo, Rose Carol da Silva, Sueli de Lima

**Textos**

Carla Eirado, Lolla Azevedo, Pedro Gabriel Borba Dorigo, Rose Carol da Silva e Sueli de Lima.

**Professores**

Carlos Gutemberg da Silva,  
Flávia Camilo Campos,  
Valeria Maria de Oliveira.  
Roberta André da Silva

**Colaboradores**

Renata Moraes da Costa  
Evanise da Costa (curandeira)  
Vó Maria de Oliveira (curandeira)  
Wanderson de Araújo Azeredo (Ôgan)  
Maristela Miranda das Flores (Espirita)  
Juraci Costa de Souza (Ex- macumbeira)  
Sílvia Daniele Barbosa de Oliveira (Budista)  
Elenita Maria de Souza  
(Baiana – mãe de santo - Candomblé)  
Paulo de Macedo (Capoeirista- malandro)  
João Minielvino Gomes (Capoeirista- malandro)  
Manoel Severino de Brito (Capoeirista- malandro)  
Rosemeri Lage Santos (Candomblé )  
Leone de Oliveira das Silva Santos  
(Anazador – mãe de santo)  
Ana Paula da Silva Vanes  
(Filha de santo da mãe Anazador- candomblé)  
Alexandre Cabral Alvim  
(Filho de santo da mãe Anazador- candomblé)

Vó Nego

Ruth Jurberg  
Maria Gabriela Bessa  
Bruna Motta  
Luna Salgado

**Edição de texto**

Alessandra Archer

**Revisão de texto**

Itamar Rigueira Jr.

**Fotos**

Alice Nin, Stefano Figalo,  
Vantoen Pereira Junior e estudantes da  
Casa da Arte de Educar

**Projeto gráfico e Editoração**

Garagem Designer Integrado

---

Cartografia de práticas culturais africanas /  
Associação Casa das Artes de Educação e Cultura. –  
1. Ed. – Rio de Janeiro : Casa de Arte Educar, 2014.  
28p. ; 27,6x21,5cm.

ISBN 978-85-64207-03-5 (broch.)

1. Cartografia. 2. Cartografia – África. 3. Ágrica –  
Mapas. 3. Cultura africana.  
I. Associação Casa das Artes de Educação e Cultura.

CDD 526

---

## Patrocínio



## Colaboração



## Parcerias

- |  |   |
|--|---|
| Casa da Ciência  | Fundação Itaú Social  |
| Canal Futura   | Instituto Pereira Passos – UPP+Social   |
| Centro de Referência de Assistência Social<br>Adalberto Ismael de Souza (CRAS) | Ministério da Ciência e Tecnologia (Semana<br>Nacional de Ciência e Tecnologia) |
| Conselho Municipal de Assistência Social                                       | Ministério da Cultura – Cine Mais Cultura                                       |
| Conselho Municipal dos Direitos da Criança e<br>do Adolescente                 | Secretaria Municipal de Ciência e Tecnologia                                    |
| Clínica da Família Dona Zica   | SESC – Serviço Social do Comercio –<br>Rio de Janeiro                           |
| Escola Municipal Humberto de Campos  | UERJ – Setor de Psicologia Aplicada   |
| Escola Municipal José Moreira  | UFRJ – Departamento de Psicologia / Instituto<br>de Psiquiatria da UFRJ         |
| Escola Municipal Uruguai   | Quadra do G.R.E.S. Estação Primeira da<br>Mangueira                             |
| EMOP – Empresa de Obras Públicas do Estado<br>do Rio de Janeiro                |   |
| Fronteras Migrantes – Projeto Intercultural da<br>Argentina                    |   |

AV. FRANCISCO COSTA

CARDO

AV. DO CAFE

MICHEL  
TE MARCO

AVENIDA VOSSAS CARNEIRO

JOSE CUCIANO

TON. PRESIDENTE

SAN  
VICENTE

SÃO JOÃO

Rua da  
Carmelita

Rua de GACIA

ANTONIO

GRACIETE  
JOSE  
FRANCISCO  
MARTINHO

TUTIA

CO

# SUMÁRIO

---

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>ALGUMAS INFORMAÇÕES SOBRE A MANGUEIRA E SUAS ORIGENS</b>	<b>7</b>
<b>3</b>	<b>NÚCLEO DE MEMÓRIA DA ARTE DE EDUCAR</b>	<b>9</b>
<b>4</b>	<b>PANORAMA ATUAL</b>	<b>11</b>
4.1	Os SUB-BAIRROS	14
<b>5</b>	<b>CULTURA AFRICANA NA MANGUEIRA</b>	<b>16</b>
5.1	As REZADEIRAS, CURANDEIRAS E BENZEDEIRAS	16
5.2	As REZADEIRAS E AS RELIGIÕES	17
5.3	A CAPOEIRA	19
5.3.1	A CAPOEIRA NO RIO DE JANEIRO	19
5.3.2	A CAPOEIRA NA MANGUEIRA: DE SEU MARA AO PROFESSOR KONG	20

# 1. Introdução

---

O trabalho de pesquisa da **Arte de Educar** na Mangueira vem sendo realizado há 15 anos. Diversos levantamentos foram feitos pelos estudantes com o objetivo não só de valorizar a memória da comunidade, como também de registrar os saberes locais, mapear as experiências e construir coletivamente esse acervo. Os processos educativos são cada vez mais dependentes de diálogos com os contextos e buscam contribuir para o desenvolvimento dos territórios nos quais estão inseridos. Compreender os processos sob essa ótica, como integrantes das práticas culturais da sociedade, ressignifica-os na direção de superarmos o hábito de pensar a educação como algo que se limita à transmissão de conhecimentos.

As favelas do Rio de Janeiro, como se sabe, existem há décadas. Uma parcela expressiva da população carioca vive nesses locais, que hoje são grandes complexos urbanos, com milhares de habitantes. A comunidade da Mangueira faz parte desse quadro e surgiu a partir das necessidades de um grupo de ex-escravos e mestiços que moravam na região. Atualmente tem o status de bairro, mas ainda é muito vulnerável quanto à visibilidade da sua produção cultural e à garantia de direitos de seus moradores. O trabalho de levantamento da memória da comunidade da Mangueira realizado pelos estudantes da Arte de Educar pretende não apenas trazer à tona a vida, a cultura, as tecnologias populares e histórias ali existentes, mas principalmente dar voz à favela.

As transformações pelas quais a Mangueira vem passando, principalmente a partir de 2013, em razão das obras do PAC, estão sendo registradas pelos estudantes que buscam reinterpretar a cidade e a Mangueira através de entrevistas, fotos e registros em textos apresentados neste caderno.

## 2. Algumas informações sobre a Mangueira e suas origens

---

A Mangueira surgiu da necessidade de um povo muito pobre, constituído de ex-escravos e mestiços, que moravam próximo à região onde hoje está localizada a comunidade. Chamado Santo Antônio, à época, o embrião da comunidade é hoje conhecido como Loteamento. O morro já tinha dono: Francisco de Paula Negreiros Saião Lobato possuía os terrenos que foram aos poucos sendo ocupados.

Em 1908, a prefeitura do Rio de Janeiro decidiu reformar a Quinta da Boa Vista e, então, demoliu dezenas de casas na localidade de Santo Antônio (Loteamento). As pessoas cujas casas foram demolidas não queriam sair de Santo Antônio e foram morar na parte alta da comunidade – essa parte é hoje conhecida pelos nomes Chalé, Telégrafos e Pedra.



### 3. Núcleo de Memória da Arte de Educar



O Núcleo de Memória da **Arte de Educar** é o responsável por este levantamento. Nele, são desenvolvidas oficinas de fotografia, vídeo e criação de textos com o objetivo de se produzir reflexões acerca das identidades socioculturais da Mangueira, em diálogo com as demais produções contemporâneas, através do olhar do jovem para a sua realidade. Esse trabalho tem resultado num banco de dados comunitário que precisa de investimento para ser organizado e tornado público.



Em 2013 e 2014, as pesquisas de campo foram desenvolvidas também em diálogo com experiências de dois parceiros: a EMOP (Empresas de Obras Públicas do Estado do Rio de Janeiro), responsável pelas obras a serem realizadas no PAC 2 (Programa de Aceleração do Crescimento, do Governo Federal), e um grupo da Argentina que visitou a Arte de Educar, o Fronteras Migrantes.



Algumas das atividades foram desenvolvidas em rodas de conversa entre estudantes e a equipe do PAC 2, representado por integrantes da EMOP e do PAC social. Os projetos de urbanização foram apresentados para os estudantes e educadores da Arte de Educar, com debate sobre cada intervenção prevista no projeto, suas pertinências e desafios.

O pessoal da EMOP explicou o que é o PAC, apresentou um mapa de intervenções urbanísticas na Comunidade da Mangueira e debateu cada uma delas, apresentou vídeos e cadernos sobre o tema, expôs fotos de intervenções em outras comunidades e realizou a Oficina do Imaginário. Os estudantes, por sua vez, discutiram a pertinência ou não de determinadas intervenções e sugeriram outras não inclusas pelo projeto.

A Oficina do Imaginário envolve a interpretação de mapas e o registro fotográfico da comunidade de forma a compreender as condições geográficas da área em diálogo com as sugestões de intervenções desejadas pelos estudantes e as intervenções planejadas pelo PAC.

Outro projeto que contribuiu muito para o trabalho que apresentamos foi realizado por um grupo de pesquisadores de Buenos Aires, Argentina, que desembarcaram na cidade e permaneceram três

*Fotografias tiradas por estudantes da Casa da Arte de Educar retratando os aspectos sociogeográficos da Mangueira e arredores.*

dias com os estudantes da Arte de Educar. Com saídas a campo, debates, exposição de filmes, fotos, confecção de mapas e diversas pesquisas na linguagem visual, a oficina Fronteras Migrantes foi espaço de reflexão, reconhecimento e intercâmbio das experiências que cada pessoa tem dos seus modos de viver, transitar, andar e construir o território. Esse trabalho partiu do lema “Nossa terra, um lugar de construção de sonhos”.

A oficina buscou identificar a origem de cada um, seus antepassados, seus territórios de origem, antes da chegada à Mangueira, de modo a fazer um resgate coletivo dessa memória pessoal. Também foi possível reconhecer os caminhos que levaram aos encontros e à vida de cada um, como é hoje. Muitos estudantes desconheciam as origens de seus descendentes, mas ficou evidente a recorrência de África e Portugal, além do Nordeste do Brasil, ou “Paraíba”, como eles mesmos denominam informalmente. Os mapas da Mangueira dialogaram com os mapas da cidade do Rio de Janeiro, América Latina, entre outros.

Os percursos diários percorridos pelos estudantes, as trajetórias das famílias no espaço da Mangueira também foram reinterpretadas, sempre para construir uma experiência sobre a ideia abstrata de mapa, pois, quando se reconhece no espaço a vida, o mapa nos revela o mundo em que vivemos.

*Equipes do Fronteras Migrantes, da Casa da Arte de Educar e estudantes traçam seus percursos*



Cabe ressaltar que ainda não existem mapas cartográficos que retratem o complexo da Mangueira de maneira íntegra. As pesquisas realizadas pela internet resultam em mapas incompletos; mesmo os mapas com base em fotos de satélite não informam o nome da maioria das vielas, becos, largos, praças e até ruas importantes. Os mapas da UPP Social – Rio+Social são as referências mais completas, porém não respeitam os recortes inerentes ao funcionamento da comunidade, os sub-bairros e subáreas, sendo mais fiéis às zonas de atuação do próprio programa Rio+Social. Resumidamente, não podemos encontrar registros cartográficos dessa área ou orientações precisas de locomoção como existem para outras partes da cidade, principalmente aquelas que possam servir de referência à experiência comunitária. Por tudo isso, foi se tornando cada vez mais importante iniciarmos um registro cartográfico condizente com os levantamentos feitos durante as pesquisas de campo na perspectiva dos moradores da Mangueira em diálogo com os dados públicos disponíveis sobre o bairro.



## 4. Panorama atual

---

O trabalho realizado com os parceiros desdobra-se em ações desenvolvidas no dia a dia da Arte de Educar. No que se refere a essas ações, destaca-se o empoderamento frente ao uso do espaço no cotidiano. Os modos de ver, de transitar, de ouvir e de construir, entre outros, quando exercidos com consciência ao mesmo tempo crítica e sensível, são instrumentos de desconstrução de estereótipos capazes de ressignificar a comunidade, transformando-a para cada um.

O início das obras do PAC 2 na comunidade também é motivo de registro, documentação, reflexão e debate sobre o processo, ações que os estudantes ajudam a promover entre moradores. Pensar a cidade como espaço de direitos, cuidando para que as intervenções previstas não violem os direitos dos moradores, é desafio deste grupo – para isso é preciso conhecer não somente os direitos, mas também os caminhos para conquistá-los.

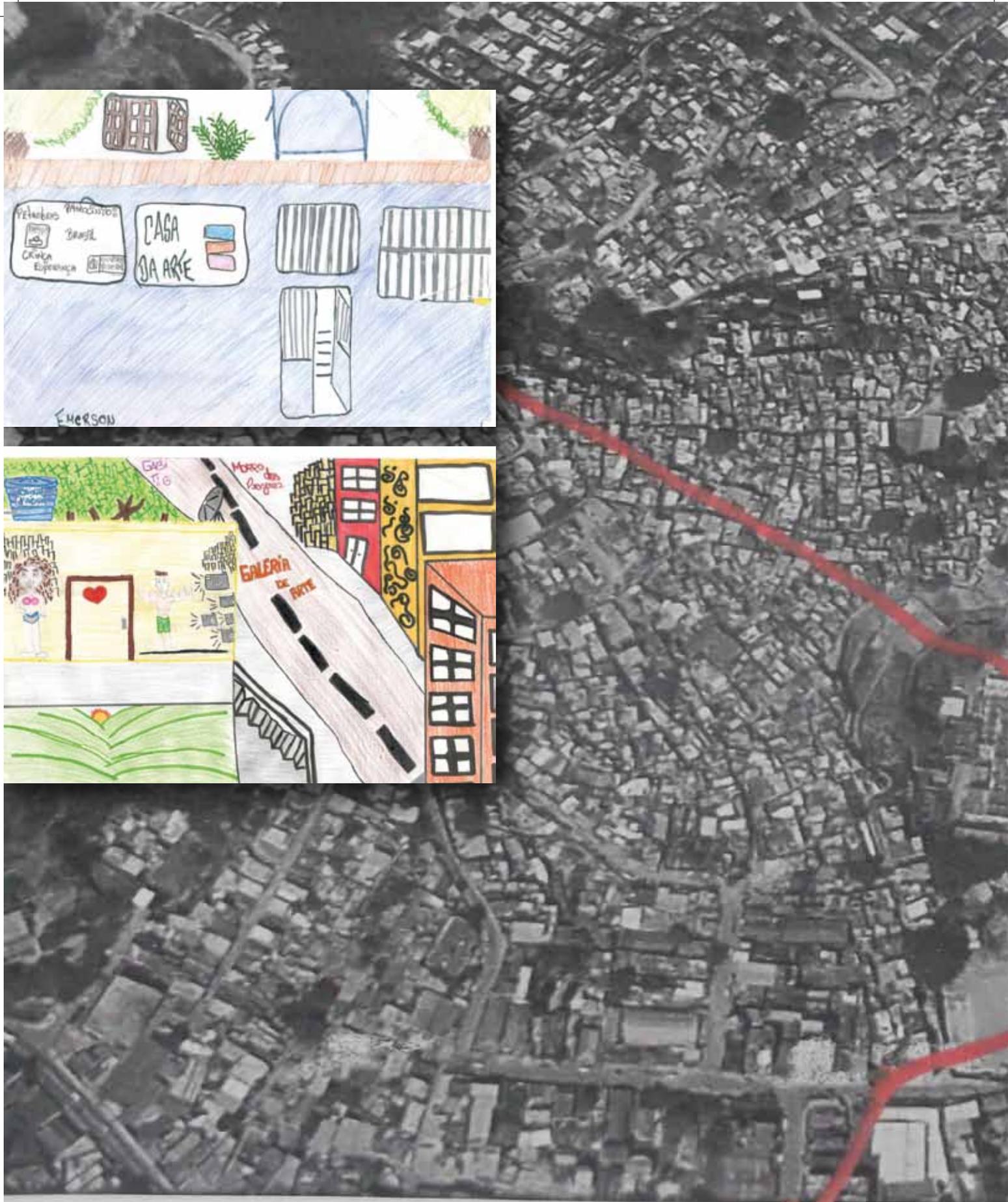
A favela da Mangueira é um bairro suburbano da Zona Central do Rio de Janeiro, e seu grande atrativo é a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. É uma das cinco regiões geridas pela subprefeitura do Centro e Centro Histórico. Faz limite com Bairro Imperial de São Cristóvão e Benfica, na Zona Central, além de Maracanã, Vila Isabel e São Francisco Xavier, na Zona Norte.



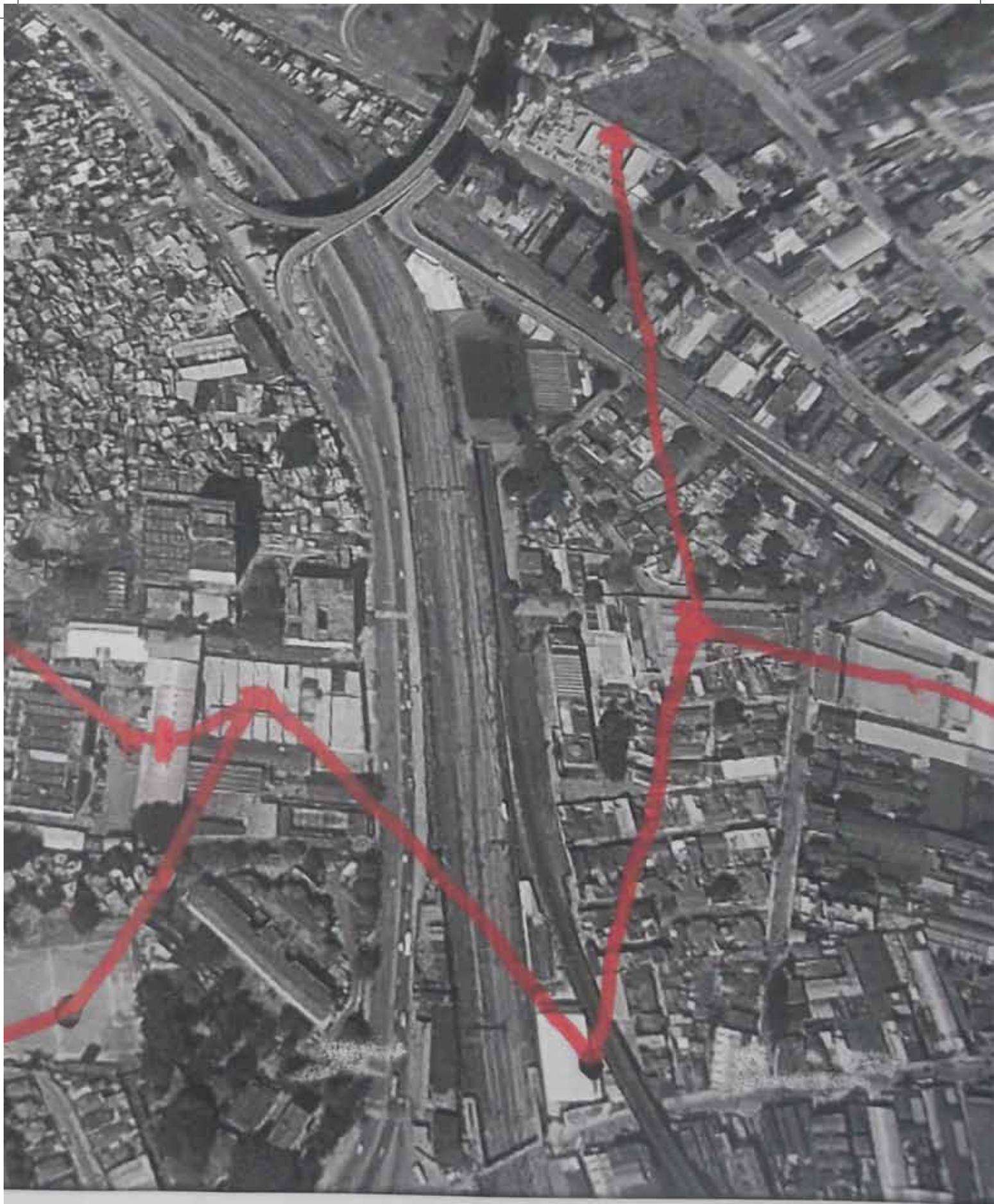
*Visão atual do Morro da Mangueira*



*Antiga quadra da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira*



CASA DA A



ARTE

## 4.1. OS SUB-BAIRROS

No primeiro momento da pesquisa foi feito levantamento com o objetivo de identificar as vielas, casas, comércios, serviços, lazer, necessidades, personagens importantes em cada sub-bairro, bem como os saberes locais e as práticas culturais. Simultaneamente, buscou-se alargar os contatos dos estudantes com organizações, instituições e lideranças que compõem a rede de garantia de direitos dos moradores da Mangueira.



Esses dados foram recolhidos pelos profissionais da Arte de Educar juntamente com os estudantes, por meio de observação atenta, produção de fotos, filmagens, anotações e entrevistas com os moradores.



Chalé, Telégrafos, Pedra, Buraco Quente, Olaria, Cruzeiro, Sinimbu, Vila Esperança (antiga Vila Miséria), Eucalipto, Candelária e Caboclo são alguns dos sub-bairros da Mangueira. Os relatos dos moradores nos ajudam a construir a história da formação e do crescimento dessa comunidade tão complexa e rica culturalmente.

Um dos lugares mais conhecidos fora do morro, ao menos de nome, é o Buraco Quente. Neide Oliveira, moradora antiga do local, conta que antes da criação da quadra da escola de samba tudo acontecia por ali. O Buraco Quente é, na verdade, uma rua fechada, sem muitos becos, e como era bastante movimentada por causa dos ensaios, ficou “quente”. Mesmo atualmente, em noites de samba ou funk, o Buraco é área pública de lazer até altas horas da madrugada.



Outro local de destaque no morro é a Olaria. No tempo dos escravos havia uma olaria onde se fabricavam tijolos para a construção das casas; não restou qualquer vestígio dessa estrutura, a não ser nas estórias orais que precisam ser registradas.

O microbairro de Chalé é uma localidade também subdividida. Há vários Chalés: Chalé Mineiros, Chalé Elvis, Chalé Farias, Chalé Loteamento. O Mineiros ficou assim conhecido pela quantidade de pessoas que vieram de Minas Gerais para morar no local; o Elvis, porque havia um morador que gostava muito de ouvir Elvis Presley; o Farias era o dono do local, e o Loteamento recebeu este nome porque o bairro era dividido e vendido em lotes. O Loteamento é considerado área nobre da Mangueira, pois está associado a proprietários.

Na parte mais alta da Mangueira fica o Cruzeiro, um dos locais mais humildes da comunidade. Quando a mineira Maria da Silva Costa, moradora da Mangueira há 55 anos, foi viver ali, não havia luz, nem água, e sua casa era de folhas de zinco. Lutou muito por melhorias e tornou-se líder comunitária. Conseguiu, entre outros avanços, a construção da Escola Municipal José Moreira, no alto da Mangueira.

O engenheiro Scilas Mulaer, radicado no Sinimbu, conta um pouco sobre este microbairro: “Antes só havia mato e uma fábrica, desativada há muitos anos, por isso as pessoas que não tinham onde morar ou as que pagavam aluguel começaram a construir suas próprias casas”. Ele conta que o local começou a se desenvolver na década de 1990 e que, com sua experiência de engenheiro, orientou os moradores a construir as residências de maneira segura.

Há unanimidade na fala dos entrevistados com relação sobre o des-caso das autoridades com relação aos serviços públicos e privados prestados aos moradores da Mangueira. Eles reclamam da falta de área de lazer, serviço social e de saúde, luz, água, transportes etc.

Antes das obras do PAC, a Vila Esperança chamava-se Vila Miséria, porque as pessoas construíram suas casas em áreas capinadas por elas mesmas, onde só havia mato e árvores, sem luz ou água. Após as obras, essa situação melhorou. Também seus moradores registraram mudanças após o início do PAC: “Não havia transportes no local e os moradores tinham que andar até a Fundação para pegar uma Kombi que fazia frete de passageiros até o Largo do Pedregulho e até a Cancela (São Cristóvão)”, conta José, o dono do bar do Zé, construído na ponta da pedreira. Zezinho, como é conhecido, também ressalta a importância da construção do Mirante Maria José, que trouxe mais segurança para todos. Ele destaca ainda como melhorias a construção do Viaduto Rosa e o asfaltamento que possibilitou a subida de carros e caminhões.

O Complexo da Mangueira é enorme, com vários pontos a serem visitados e pesquisados, e este trabalho nos parece ser apenas o início de uma longa coleção que será necessário fazer. O Complexo da Candelária, por exemplo, ostenta, por um lado, uma beleza imensa, com floresta intensa, uma enorme pedreira e uma vista deslumbrante; por outro lado, enfrenta a falta de saneamento básico, sobretudo em pontos como Caboclos, Escadaria e Ponte da Candelária.

## 5. Cultura africana na Mangueira

Trazida pela migração forçada da África promovida pelos portugueses, a cultura afro-brasileira é facilmente identificada em diversos aspectos da vida no Brasil, como as religiões, a capoeira, a culinária, a música, entre outros. O morro ainda esconde muitas histórias sobre suas origens africanas, e, por meio de sua preservação e propagação, podemos entender melhor como essas matrizes influenciam conjuntura e manifestações atuais desse espaço.



### 5.1. AS REZADEIRAS, CURANDEIRAS E BENZEDEIRAS

Passando de geração a geração, as rezadeiras, curandeiras e benzeadeiras são como guardiãs da memória de uma cultura popular africana que se propaga. Dona Ivanise, conhecida na comunidade como Dona Neném, é quem explica: “Quando a mulher se torna mãe, ela aprende a rezar seus próprios filhos”. Ela afirma que sempre cuidou dos filhos com ervas medicinais, pois assim aprendeu com sua mãe. Muito procurada e conhecida na comunidade, Dona Neném explica que é curandeira, não rezadeira: “A curandeira não reza, trabalha com as ervas”.

Mãe-boia, insulina, colônia, camomila, estrela, alfavaca, mentruz, assa-peixe, erva de passarinho, quitoco, aroeira, amor-do-campo,

trançagem, novalgina, poejo, romã, amora, casca do chuchu, folha de tamarindo, sabugueiro, folha de algodão, folha de café e gervão são algumas das ervas usadas nos remédios caseiros de Dona Neném que agradam a muitos moradores devido a sua bendita serventia contra diversos males cotidianos.

Já Dona Esmereciana Santos de Sena, 68 anos, além de rezadeira, era também parteira. Mais conhecida como Dona Diara, também aprendeu a rezar com sua mãe e nunca mais parou. Ainda reza e atualmente ensina seus dois netos, para que essa atividade não se perca na comunidade. Dona Diara parou de realizar os partos caseiros depois que foram proibidos, mas continua exercendo a sua reza com devoção.

Já as benzedadeiras, como Dona Benta, 67 anos, também são rezadeiras. Benzem as crianças da região quando estão doentes e fazem remédios caseiros com as ervas que colhem na própria comunidade. Dona Benta lembra outras ervas bem conhecidas: saião, agrião, folha de laranja, limão. Mas qual a diferença entre uma benzedeira e uma rezadeira? Segundo ela, são religiões diferentes, mas com o mesmo sentido.

Dona Luzia é uma das mais antigas rezadeiras da Mangueira. Com 95 anos, acompanhou o crescimento da comunidade e o desenvolvimento da cidade. Ela lembrou de uma prática bastante comum realizada quando alguém fraturava pernas ou braços: esquentar a clara de ovo e imobilizar a região fraturada com alguns pedaços de bambu e panos embebidos. O tempo de imobilização, segundo ela, variava de acordo com a idade da pessoa. Uma criança de 10 anos, por exemplo, ficava com a tala por 10 dias.



## 5.2. AS REZADEIRAS E AS RELIGIÕES

É comum e natural a mistura entre as religiões e o ofício das rezadeiras. Rosimeri dos Santos, filha de uma rezadeira, conta que sempre viveu dentro do centro espírita, observando e ajudando a mãe no que era possível. “Sempre tive muito amor pela religião e tenho algum conhecimento do uso de ervas para banhos de descarrego, incluindo o banho de abô, que são várias ervas guinadas,

colocadas em um porrão de barro”, explica. Esse banho é utilizado para um descarrego de emergência e, em alguns casos, ingerido. Rosimeri tem o dom de sonhar e sentir cheiros, tendo premonições, mas sente medo e não gosta quando isso acontece. Um motivo de orgulho é a origem africana de sua religião.

As histórias sobre as rezadeiras e as religiões se misturam. Dona Juraci, por exemplo, relata que, antes de ser evangélica, era espírita de um centro de Candomblé e exercia a função de êkedi (cargo feminino de grande valor). Apesar da fé na religião candomblecista, por não ter recebido auxílio ou orientação de seu Pai de Santo quando passou por um problema grave em família, acabou por converter-se e passar a frequentar a igreja evangélica, levada por uma vizinha.

Maristela é iniciada de santo há seis anos e diz que, antes de se iniciar, passava por muitas coisas, não parava em nenhum emprego, sentia-se confusa e sem destino, mas, após a iniciação, as coisas melhoraram. “Toda família é de origem africana e candomblecista, desde seus ancestrais, e assim há a necessidade dos membros da família darem continuidade à vida espiritual, como um ciclo”, explica. Apesar das discriminações ainda muito presentes, Maristela ama os orixás e sua religião, diferenciando o Candomblé da Umbanda. Segundo ela, o primeiro é mais voltado para os orixás, enquanto na Umbanda se cultuam pretos-velhos, caboclos e exus, mais voltados para trabalhos de caridade.

Maristela cuida de seu santo em casa e faz limpezas espirituais onde mora e nos corpos dela e dos familiares. Além disso, tem conhecimento das ervas para utilização de banhos, assim como as ervas dos orixás. “Cada orixá possui suas próprias ervas”, conclui.



## 5.3. A CAPOEIRA

Ao chegarem ao Brasil, os africanos perceberam a necessidade de desenvolver formas de proteção contra a violência e a repressão dos colonizadores brasileiros. Eram constantemente alvos de práticas violentas e castigos dos senhores de engenho. Quando fugiam das fazendas, eram perseguidos pelos capitães-do-mato, que faziam as capturas de maneira muito violenta.

Os senhores de engenho proibiam os escravos de praticar qualquer tipo de luta. Logo, os escravos utilizaram o ritmo e os movimentos de suas danças, adaptando a um tipo de luta. Surgia assim a capoeira, arte marcial disfarçada de dança. Foi um instrumento importante da resistência cultural e física dos escravos brasileiros. Muitas vezes, as lutas ocorriam em campos com pequenos arbustos, chamados na época de capoeira ou capoeirão, daí o nome da luta.

### 5.3.1. A capoeira no Rio de Janeiro

É comum ouvir que essa mistura de dança e luta nasceu no ambiente rural das senzalas e quilombos, mas os estudos recentes mostram que a capoeira se desenvolveu em diversas cidades portuárias que receberam grande contingente de africanos escravizados, como o Rio de Janeiro. O jogo adquiriu características próprias na capital do Império, onde foi usado pelos escravos “ao ganho”, aqueles que trabalhavam nas ruas da cidade, como instrumento tanto de resistência ao sistema de servidão, quanto de controle de determinados territórios.

A condição ambígua do escravo no Rio de Janeiro colonial — e, posteriormente, imperial — possibilitou a associação dos capoeiras em maltas. A dependência da cidade em relação ao escravo fazia com que ele transitasse por vários segmentos sociais e espaços geográficos. Lugares-chaves para os encontros entre os capoeiras eram os chafarizes. Distribuídos pela capital, eram locais de disputa e integração dos escravos capoeiras que iam buscar água para as casas de seus senhores.

Até o ano de 1930, a prática da capoeira ficou proibida no Brasil, pois era vista como violenta e subversiva. A polícia era orientada a prender os capoeiristas. Em 1930, um importante capoeirista brasileiro, mestre Bimba, apresentou a luta ao então presidente Getúlio Vargas. O presidente gostou tanto que a transformou em esporte nacional brasileiro.



## O bamba, a Umbanda, o malandro e o Carnaval

Entre os anos de 1910 e 1920 surgia o “bamba”. De acordo com Nei Lopes (pesquisador e sambista), trata-se de um termo que “vem do quimbundo mbamba, que significa exatamente mestre”.

O bamba tinha o domínio do corpo e do ritmo, por isso era um personagem típico do mundo negro, presente nas festas religiosas como ogã, tocando tambores para os orixás, o que o levou a desempenhar também papel fundamental na criação do samba de morro, na organização das escolas e dos blocos carnavalescos. Assim como os capoeiras do século XIX, que serviram de baliza para as bandas militares, eram os bambas que vinham à frente dos blocos, dançando ao redor do estandarte do grupo e ao mesmo tempo protegendo-o, caso se encontrassem com blocos rivais, embalados pela música, gingando e dançando como se faz na capoeira. Divertiam-se no carnaval e estavam preparados para repelir qualquer ataque. Mais tarde, esse ritual se tornaria uma das influências da coreografia do mestre-sala e da porta-bandeira.

Profundamente integrado à cultura popular da cidade, o bamba, que depois passaria a ser chamado simplesmente de malandro, vivia de pequenos expedientes, do jogo, do contrabando, da proteção de zonas de meretrício e casas noturnas e, mais tarde, do comércio relacionado ao samba.



Envolto em silêncio, o capoeira carioca deixou de se identificar como tal. Com o tempo, ele passou a se apresentar rebatizado como malandro ou bamba. Como afirmou o escritor e historiador Joel Rufino: “Caçada pela repressão, a capoeira não acabou; o que nela havia de permanente, de essencial, sobreviveu na figura do bamba”. O capoeira só voltaria à cena no Rio de Janeiro décadas mais tarde, assimilando a malandragem como uma de suas habilidades principais.

### 5.3.2. A capoeira na Mangueira: de Seu Mara ao Professor Kong

As histórias contam que o morro da Mangueira fazia parte do quintal do reinado de Dom Pedro II. Como havia muitos escravos a serviço da realeza, acredita-se que já praticavam capoeira, porém nada comprova isso.

Em 1930, chegava da Bahia um senhor chamado Maragogipe, o Seu Mara, para se instalar na favela, onde hoje é a ferrovia. Veio

trabalhar no porto como estivador, mas aos poucos conseguiu um espaço na favela e começou a cortar, por caridade, o cabelo das pessoas que não tinham condições de pagar. Recém-chegado, Seu Mara enfrentou a hostilidade de alguns malandros da região e os enfrentou com golpes de capoeira. Com o passar do tempo, conquistou admiração.

Seu Mara conquistou o respeito dos malandros, mas sempre teve uma vida separada da malandragem. Iniciou as aulas de capoeira na antiga fábrica de cerâmica, onde hoje é o condomínio Mangueira 2. Depois de quatro anos, ele passou para a antiga AMOC (Associação de Moradores da Candelária), e lá começou a dar aulas para as crianças da comunidade, que não podiam pagar e treinavam de graça.

Na época da ditadura, Seu Mara passou a dar aulas escondido no alto do morro, área pouco habitada e, por ter a mata fechada, de difícil acesso pelos militares.

Alguns malandros que integravam as maltas subiam a comunidade para aprender a capoeira com Seu Mara. Eles usavam o que seu Mara ensinava nas brigas que aconteciam no centro da cidade. Em 1984, desgostoso por entender que não tinha o reconhecimento dos capoeiristas, Seu Mara parou de dar aulas.

Carlos Silva, o Kong, é atualmente um dos únicos educadores que propagam a prática da capoeira no morro da Mangueira. Praticante desde 1986, no projeto Re-criança, com o mestre Canguru, Kong treinou com o contramestre Corisco, o mestre Parazinho e atualmente está treinando com o mestre Bahia.





Trabalhando com educação integral na Arte de Educar há cinco anos, Kong desempenha também um trabalho no condomínio Mangueira 2 com crianças e adultos da localidade, envolvendo capoeira socioeducativa. “A capoeira não é muito valorizada na comunidade”, lamenta. “Por ser considerada dança e não luta, muitos meninos não se interessam tanto.” Outro preconceito toca na questão da intolerância religiosa e da associação entre capoeira e religiões de matrizes africanas.

Segundo Kong, o estigma sobre a capoeira e ser capoeirista está mudando, com a valorização de algumas práticas culturais africanas, mas ainda há algum preconceito, que atinge não só a capoeira, mas todas as práticas culturais de origem africana.

As diversas práticas culturais africanas resistiram, desde que aqui chegaram, a diversas formas de opressão, algumas diretas, outras nem tanto. Hoje, com o fortalecimento do movimento negro, sabemos que, mesmo após a abolição da escravidão no Brasil, o governo ainda promoveria muitas medidas que mantiveram esses descendentes e suas práticas excluídas socialmente. Tudo isso ainda repercute concretamente na vida social brasileira. Se, por um lado, hoje existe mais denúncia contra o racismo, legislação e políticas para combatê-lo, tudo é ainda recente. A capoeira, por

exemplo, foi perseguida e proibida pelas autoridades até 1930, isso sem falar no samba, nas religiões... Mas também precisamos reconhecer os esforços na direção de uma sociedade mais justa, que começam a apresentar resultados. Diversas práticas começam a livrar-se do estigma e ser valorizadas, após séculos de resistência e lutas sociais pela perseverança dessa cultura. Este pequeno trabalho se insere nessa luta.

A educação detém importante papel nesse contexto, se compreendida como campo de prática cultural e de constituição de sujeitos, sobretudo em um país marcadamente negro, onde a invisibilidade da cultura africana é gritante. Os esforços para enfrentar o racismo e a desigualdade social são também um desafio para educadores – e esse enfrentamento exige desenvolver ações voltadas para a valorização da cultura negra no Brasil.

A Lei 10.639/03 propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e da cultura afro-brasileira e africana. O desafio é ir além da relação África-escavidão, responsável por manter o estigma da submissão dos negros no Brasil, para pensar a cultura negra como constituinte da sociedade brasileira, na qual os negros são sujeitos de direitos com contribuições significativas para nossa história. É fundamental que se valorizem, portanto, o pensamento e as ideias de diferentes atores sociais negros brasileiros, a cultura (música, culinária, dança) e as religiões de matrizes africanas.

Este pequeno trabalho é uma iniciativa da Arte de Educar visando contribuir não só com a Lei 10.639/03, mas com todo o esforço de tornar a sociedade brasileira menos desigual. Esperamos poder contribuir para uma educação mais plural e sensível à diversidade brasileira, uma educação capaz de promover a garantia dos direitos de cada um dos cidadãos brasileiros. A Mangueira é um espaço notavelmente rico das práticas afro-brasileiras, um espaço reconhecido pela força do samba, pela capacidade e criatividade para agir em contexto de privação, pela resistência à exclusão e à invisibilidade. Apesar de esta publicação ser mais uma singela contribuição nessa luta, a Arte de Educar espera que essa pesquisa motive novos debates e possa contribuir com as políticas capazes de impactar as condições sociais que nos desafiam.



[www.artedeeducar.org.br](http://www.artedeeducar.org.br)

